

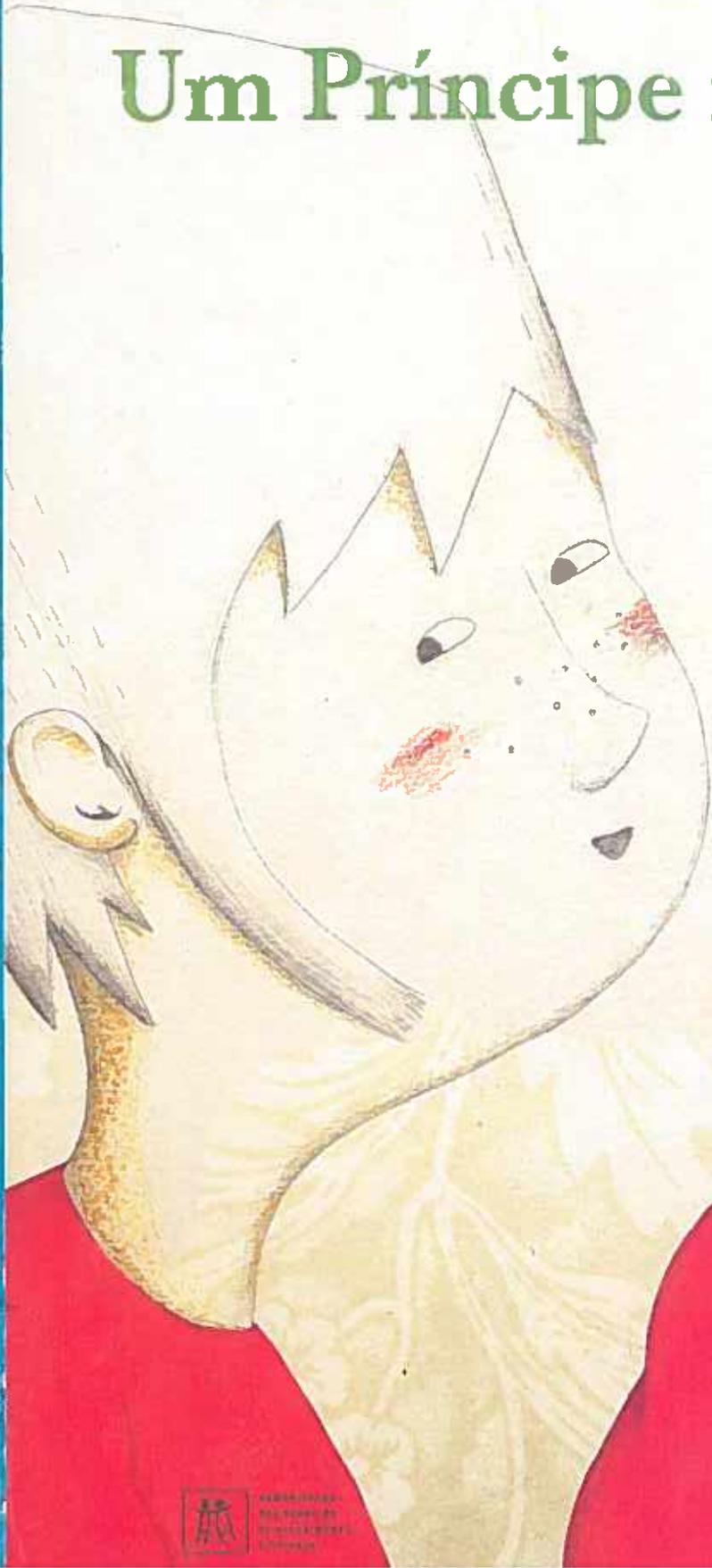


Instituto de Apoio à Criança



Zebedeu

Um Príncipe no Hospital



Josário Alçada Araújo

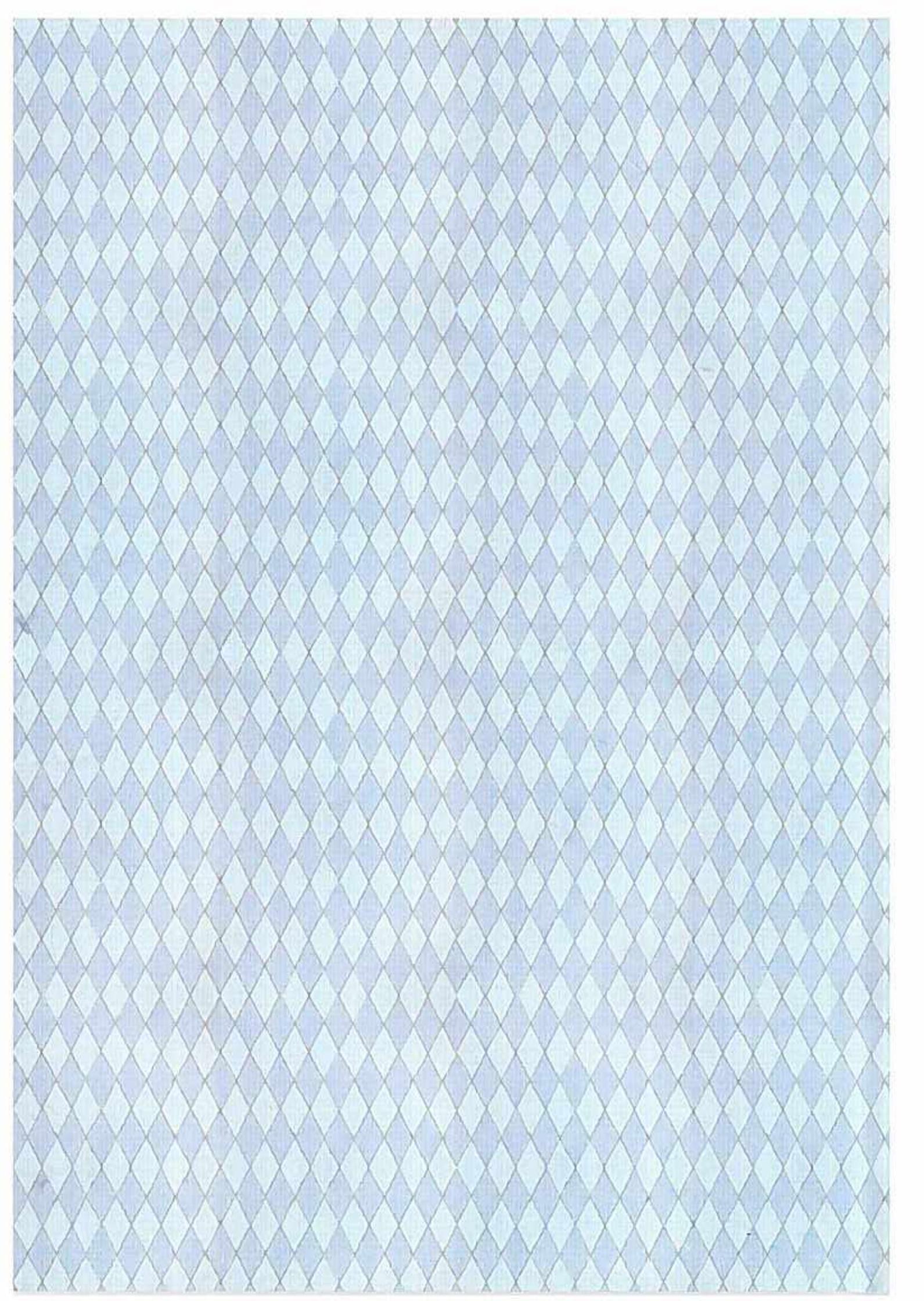
Carla Mazareth

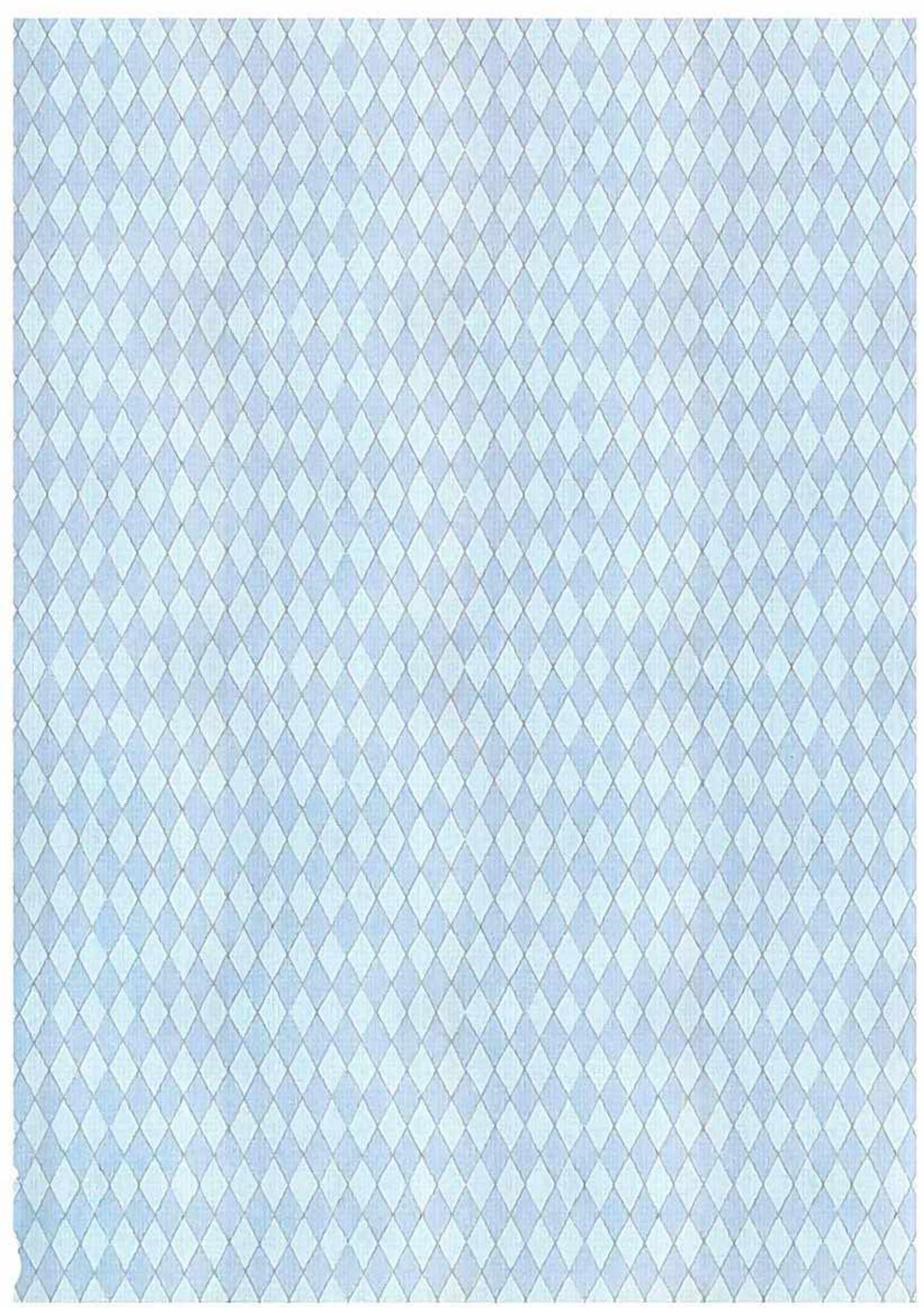


Montepio



este livro
pertence a





Título: *Zebedeu – Um Príncipe no Hospital*

Texto: Rosário Alçada Araújo

Ilustração: Carla Nazareth

Design Gráfico: NósnaLinha

Impressão: Tipografia da Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA)

Edição:

©2012, Rosário Alçada Araújo, Carla Nazareth

e INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA

- Sector da Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança

Rua Sampaio e Pina, n.º12, r/c 1070-249 Lisboa

Tiragem: 5000 exemplares

1ª Edição: Novembro de 2012

ISBN: 978-972-803-45-6

Depósito Legal n.º 35 1288/12

www.iacrianca.pt

Zebedeu

Um Príncipe no Hospital

José Alçada Oliveira

Carla Magareth

Falar dos Direitos da Criança no Século XXI parece um paradoxo. Por um lado, somos confrontados com um desenvolvimento imparável do conhecimento científico face à criança, que nos permite compreender, cada vez melhor, a matriz biocelular das emoções e dos afetos e a necessidade absoluta e indispensável do apoio emocional e do calor humano, sobretudo quando o corpo é afetado pela doença.

Mas, por outro lado, quanto mais sabemos do psíquico, mais a sociedade apresenta sintomas de desregulação e, cada vez mais, estão presentes as doenças motivadas pelo próprio progresso, em que as pessoas são cada vez menos solidárias e cada vez mais solitárias. Neste contexto, quem mais sofre são os mais vulneráveis, nomeadamente, as crianças. Assim, os pais e os profissionais que com elas trabalham têm o dever de proclamar bem alto que a sociedade deve respeitar os direitos das crianças e exigir que tal aconteça.

Desde a criação da Carta da Criança Hospitalizada, há 24 anos, que a sua divulgação, bem como ações concretas no aprofundamento da defesa e do cumprimento dos direitos nela expressos, têm sido uma constante. Ao longo destas duas décadas, o Sector da Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança do IAC, em parceria com os profissionais de saúde, tem desenvolvido inúmeras ações nesse sentido.

Contudo, com base num dos direitos reconhecidos na própria Carta, sempre pretendemos que as crianças tivessem algo adequado à sua idade, que lhes desse a conhecer a sua condição enquanto sujeito de direitos. Assim, no final de 2010, lançámos o desafio a vários escritores infantis para que contassem uma história em torno deste tema.

introdução



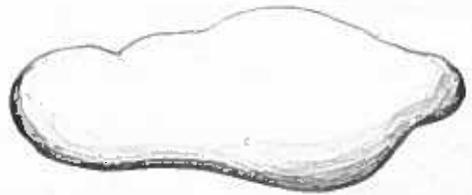
De imediato, obtivemos resposta da escritora Rosário Alçada Araújo e da ilustradora Carla Nazareth, de cuja colaboração graciosa nasceu *Zebedeu - Um Príncipe no Hospital*.

No livro, de forma simples, a autora vai descrevendo toda a vivência do pequeno príncipe desde que adocece no seu palácio até à ida para o hospital. Ao longo da narrativa são relevados aspetos fundamentais para o equilíbrio emocional de uma criança doente e que decorrem dos seus direitos, como sejam a presença dos pais, a importância da informação adequada sobre a situação pela qual está a passar, a existência de um espaço de internamento adequado à sua idade e muitos outros aspetos que contribuíram para ajudar e tranquilizar o pequeno príncipe durante a sua estadia no hospital. A beleza notável das ilustrações valoriza, reforça e torna mais atraente toda a história.

Aqui fica pois a história para todos os meninos e meninas que passaram ou venham a passar por esta vivência tão difícil que é um internamento hospitalar. Pretendemos que o nosso príncipe mostre a todas as crianças, nossos príncipes também, que, apesar de doente e hospitalizado, continua a ser um herói e merece toda a atenção e carinho!

Leonor Santos
Coordenadora do Sector da Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança
INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA





Esta é a história do pequeno príncipe Zebedeu – um herói aqui lembrado –, que um dia adoeceu e foi hospitalizado.

Mas permitam-me contar como tudo se passou, pois, para ser herói, ser príncipe não é razão suficiente, herói pode ser toda a gente, desde que se saiba comportar e bem viver tudo o que lhe possa acontecer.



Em tempos que já vão longe, em terras que longe estão, num reino de encantar, um rei e uma rainha o seu povo governavam. Tinham uma família feliz e unida, e não sonhavam mudar a vida até ao dia em que, sentado no seu trono, o rei escutou um criado dizer:

– Sua majestade, trago uma notícia que por certo não o deixará contente: seu filho, o príncipe Zebedeu, está doente.

A partir desse momento, tudo mudou naquele reinado: desde a família de Zebedeu – rainha, rei, seus irmãos príncipes e princesas – ao povo, que adorava o seu governante e por ele era adorado.





O rei mandou logo um mensageiro em busca de um médico especialista, diplomado, um doutor bem informado sobre todas as curas medicinais.

– Não admira! – comentou o povo com emoção. – Se um príncipe merece todo o amor e atenção, um príncipe que está doente merece muito mais!



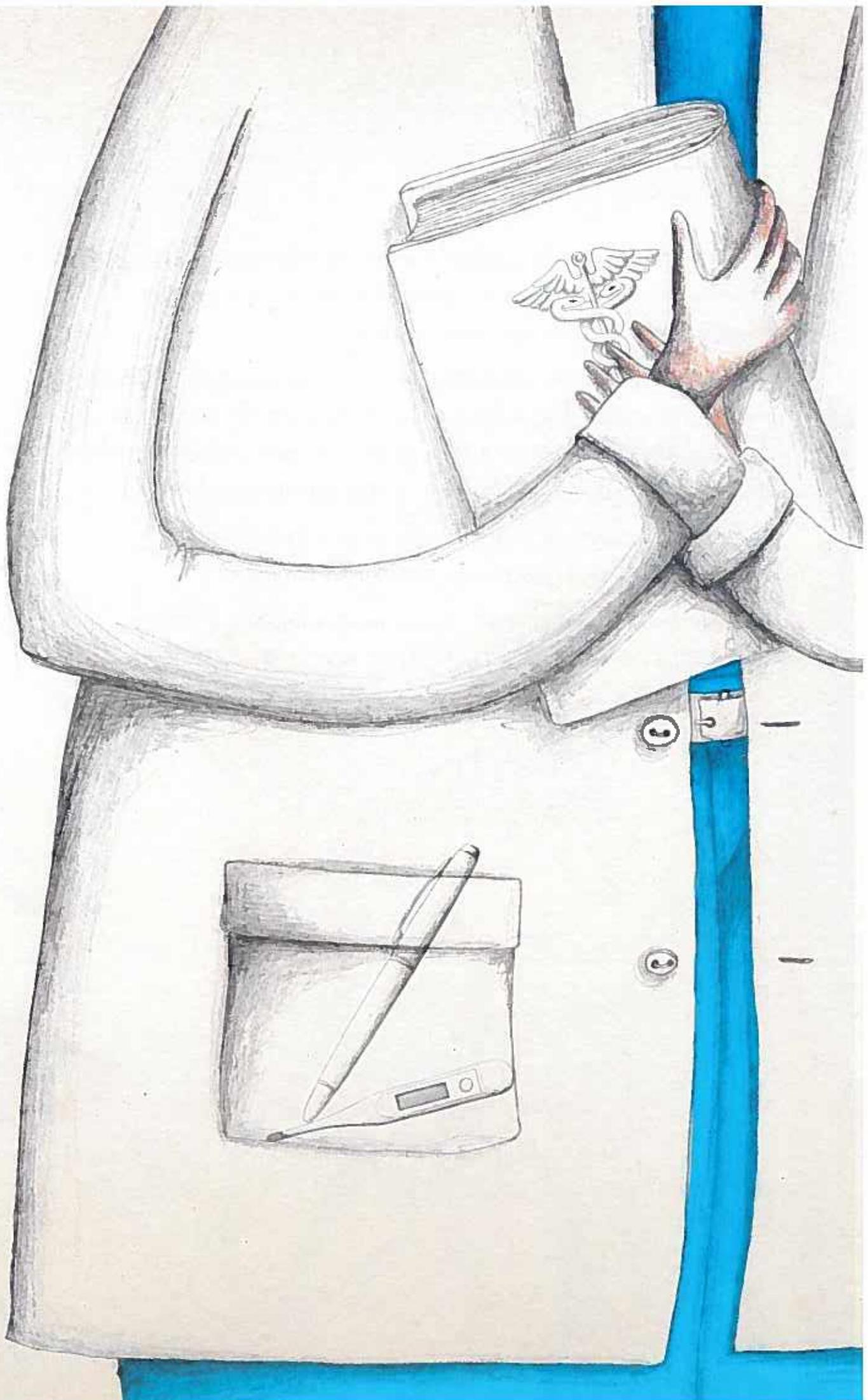
O médico chegou por fim.

Observou, auscultou e até estudou, ali mesmo na frente de sua majestade, abrindo livros com curiosidade, procurando curar o príncipe Zebedeu, que pacientemente esperava por um remédio, um xarope, um supositório ou um comprimido apropriado que o deixasse mais animado.

Querem saber o que aconteceu? Depois de muitas horas de investigação e tentativas que acabaram mal, o príncipe Zebedeu não teve outro remédio senão ir para o hospital:

- Só há uma solução - explicou o médico, num tom já conformado.
- O príncipe Zebedeu terá de ser internado.



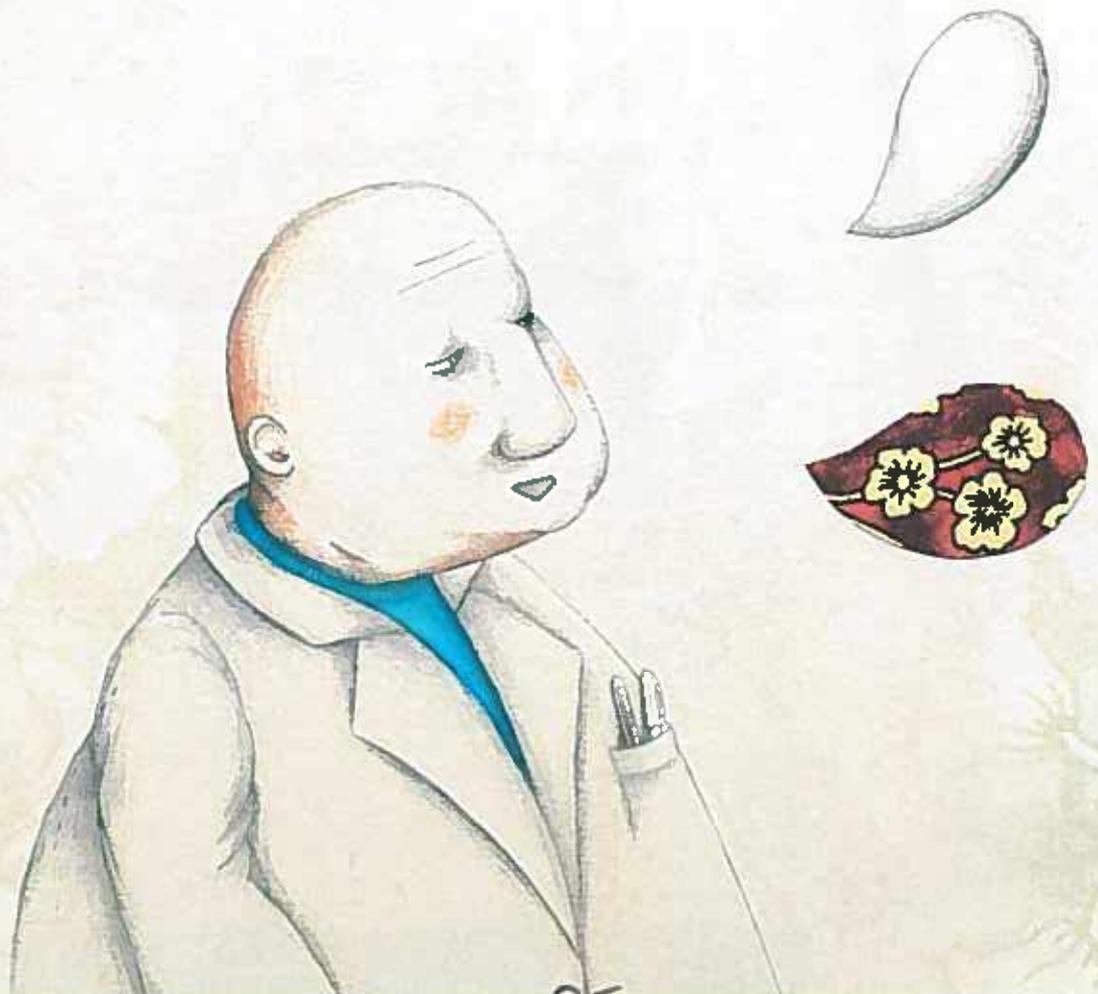


E porque ficou provado que em casa Zebedeu não ficaria curado, a rainha e o rei autorizaram o senhor doutor a levar o príncipe consigo. Porém, impuseram uma condição:

– Meu filho vai para o hospital, mas com uma garantia – declarou o rei com voz séria. – Faça frio ou calor, seja de noite ou de dia, estaremos junto a ele, pois é nosso filho amado e não há maior valor do que estar acompanhado.

Perante tal exigência, o doutor não hesitou e respondeu com a convicção que lhe permitiram as suas cordas vocais:

– Assim será, sua majestade, tendes muita sapiência e razão. Se um príncipe merece todo o amor e atenção, um príncipe que está doente merece muito mais!



Se um príncipe
merece todo o amor
e atenção, um príncipe
que está doente
merece muito mais!

Chegado ao hospital, qual seria o melhor lugar para o príncipe ficar?

Claro está que Zebedeu não era o único doente, havia por lá muita gente, mas uma ordem foi desde o início decretada: o príncipe iria para perto das meninas e dos meninos da sua idade, para com eles poder conversar e brincar, participando em jogos que a todos pudessem interessar e aprendendo coisas novas e fantásticas, algumas difíceis de imaginar – e divertidas para quem está no seu lugar.

Desde as pessoas que com ele falavam ao material que lhe davam – de acordo com o que era preciso –, tudo o ajudava a descobrir e apreciar o mundo em redor, num ambiente cheio de amor, que o fazia sentir-se um príncipe feliz. E, apesar de muito acompanhado, o seu espaço era sempre respeitado.

– Uma criança hospitalizada não pode ter só dificuldades: tem direito a ser bem tratada e acaba por fazer novas amizades, não só com os crescidos, que a podem sempre visitar, mas com todas as idades! – comentava a ministra dos hospitais depois de visitar o príncipe. – Ainda bem que Zebedeu está em recuperação num lugar onde respeitam os direitos fundamentais. **Se um príncipe merece todo o amor e atenção, um príncipe que está doente merece muito mais!**

RECUPERAÇÃO





Depois de Zebedeu ter sido hospitalizado – e apesar de decididos a acompanhar o seu filho –, o rei e a rainha tiveram de enfrentar mais um empecilho de que não se haviam lembrado.

– Se a nossa criança queremos acompanhar, quem é que irá governar?

Mas logo os conselheiros do reino vieram em seu auxílio:

– Majestade, já temos bastante treino! Enquanto o príncipe Zebedeu estiver no hospital, levaremos o governo para a frente, a corte estará sempre presente para ajudar o seu povo.

Por sua vez, o povo, ao saber que ia ter um governo novo, sem rei nem rainha, respondeu sem hesitar:

– Continuaremos a pagar nossos impostos e a apoiar uma causa que é de toda a nação e exige esforços especiais.



Se um príncipe merece
todo o amor e atenção,
um príncipe que está doente
merece muito mais!



Os reis ficaram agradecidos e comovidos. Assim, podiam dedicar-se de coração ao seu filho Zebedeu.

Instalaram-se no hospital onde passavam os dias muito perto da criança, dando-lhe todo o carinho, fazendo-lhe companhia, lendo histórias e contando-lhe anedotas, sempre a seu lado com muita esperança.





— **Q**ue sorte a minha, ser acompanhado por quem mais me adora. Assim o tempo passa mais rapidamente e mais cedo irei um dia embora! — dizia Zebedeu, apreciando o conforto de quem recebe muito amor apesar de não estar em casa.

E a família real foi de tal modo tratada — sempre tão bem informada sobre as regras do hospital e acompanhada por médicos, enfermeiros e pessoal auxiliar, que às vezes até parecia ser aquele o seu lar, e não o palácio que haviam deixado. E até ali, do mesmo modo que eram escutados nos seus aposentos, pais e filho davam opinião sobre quais os melhores tratamentos.

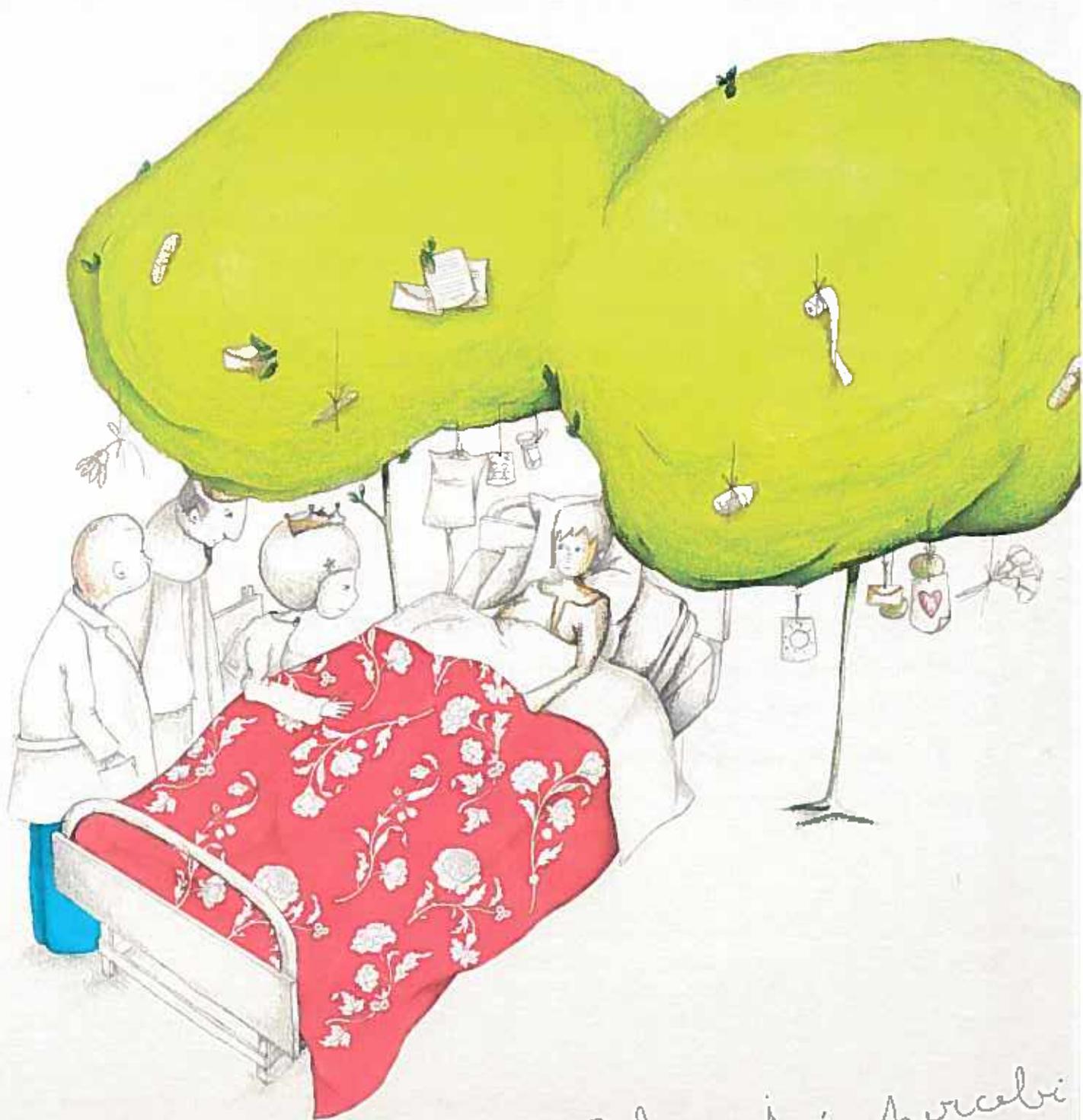
Ao príncipe Zebedeu também tudo era explicado, com cuidado e numa linguagem que qualquer criança percebia, pois é claro que palavras mais escanifóbéticas e complicadas não eram com ele usadas. E, se alguma coisa ele não entendia, mostrava-se curioso:

— Não estou a perceber. Que quer isso dizer?

E logo outras palavras eram então procuradas e pronunciadas num tom mimoso.

— Ah, já percebi, obrigado — agradecia, atencioso.

não estou a perceber



Ah, ja percebí
obrigado



Os médicos esforçavam-se para que os tratamentos de Zebedeu não o fizessem chorar ou sentir qualquer tipo de dor – o que nem sempre era possível.

– Vai doer, senhor doutor? – perguntava Zebedeu com algum medo.

– Um bocadinho, mas já sabe, tudo o que aqui fazemos, dos exames aos tratamentos, é porque é mesmo necessário.

E qual rochedo que luta contra um vento contrário, Zebedeu – como é próprio de um herói – aguentava a dor.

– Então, ainda dói?

– Já não, senhor doutor.

E o médico explicava, com um sorriso:

– Amanhã voltarei à mesma hora para o que for preciso. Fique o senhor príncipe a saber que estamos bem alerta para que os nossos cuidados lhe sejam prestados na hora certa, como deve acontecer com precisão em todos os hospitais.

E ainda bem que assim era. Se um príncipe merece todo o amor e atenção, um príncipe que está doente merece muito mais!

*Se um príncipe merece todo o amor e atenção,
um príncipe que está doente merece muito mais!*



Eis que chegou o dia por que Zebedeu e a sua família tanto esperavam.

Foi logo pela manhã que um médico, a sorrir, junto do príncipe, do rei e da rainha, anunciou com firmeza:

– Apesar de alguns cuidados que será preciso ter, venho por este meio dizer que o hospital a Zebedeu já não faz falta: o príncipe pode ter alta e regressar ao seu palácio.



A alegria foi geral, e a notícia cedo atravessou as portas do hospital, o povo celebrou, e no palácio tudo voltou ao normal.

A rainha, o rei e o príncipe Zebedeu despediram-se de todos sem ninguém esquecer: doentes, visitantes e trabalhadores do hospital.

– Agradecemos este tratamento sem igual.

– Por quem sois. Não fizemos mais nada senão cumprir a Carta da Criança Hospitalizada, que deve sempre ser respeitada.



Claro está que, com toda aquela dedicação, o príncipe até guarda uma boa recordação dos dias passados no hospital.

– Até que não correu mal – disse Zebedeu quando a casa regressou. – Ninguém gosta de ir para o hospital, mas muita gente me ajudou, a família esteve sempre comigo e o lugar onde fiquei a dormir e a descansar até me conseguiu encantar!

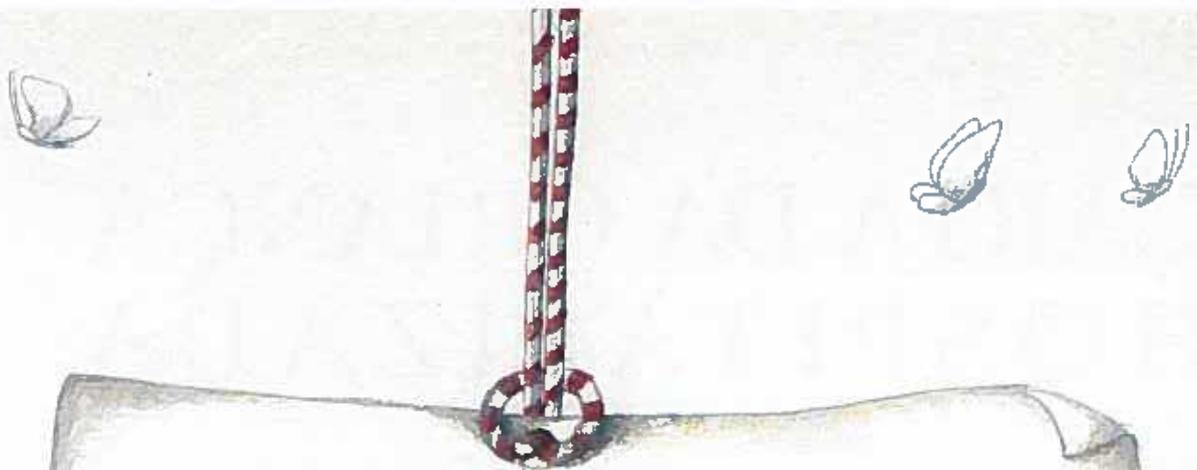






Agora que a história acabou, uma mensagem muito importante tenho para te dizer. Nunca a podes esquecer, guarda-a no teu coração e não a percas jamais:



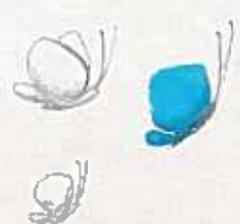


TU, QUE ÉS ÚNICA OU ÚNICO NO MUNDO,
ÉS UMA VERDADEIRA PRINCESA OU UM VERDADEIRO
PRÍNCIPE PARA OS TEUS PAIS,

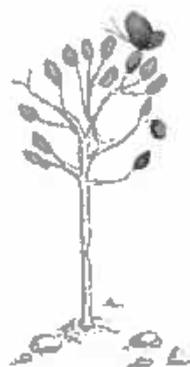
ÉS UMA VERDADEIRA PRINCESA OU UM VERDADEIRO
PRÍNCIPE PARA TODOS OS QUE VIVEM À TUA VOLTA E TE
AMAM ATÉ NÃO PODER MAIS.

POR ISSO, SE UM DIA TIVERES DE SER INTERNADO,
LEMBRA-TE DE QUE MERECES SER MUITO AMADO E COMO
UM PRÍNCIPE TRATADO – OU SEJA, COM DEDICAÇÃO
E AMOR, RESPEITANDO-SE TODOS OS TEUS DIREITOS
FUNDAMENTAIS.

**NÃO ADMIRA: POIS SE UM PRÍNCIPE MERECE TODO
O AMOR E ATENÇÃO, UM PRÍNCIPE QUE ESTÁ DOENTE
MERECE MUITO MAIS!**



CARTA DA CRIANÇA HOSPITALIZADA



1. A admissão de uma criança no Hospital só deve ter lugar quando os cuidados necessários à sua doença não possam ser prestados em casa, em consulta externa ou em hospital de dia.

2. Uma criança hospitalizada tem direito a ter os pais ou seus substitutos, junto dela, dia e noite, qualquer que seja a sua idade ou o seu estado.

3. Os pais devem ser encorajados a ficar junto do seu filho, devendo ser-lhes facultadas facilidades materiais, sem que isso implique qualquer encargo financeiro ou perda de salário.

Os pais devem ser informados sobre as regras e as rotinas próprias do serviço para que participem ativamente nos cuidados ao seu filho.

4. As crianças e os pais têm o direito a receber uma informação adaptada à sua idade e compreensão.

As agressões físicas ou emocionais e a dor devem ser reduzidas ao mínimo.

5. As crianças e os pais têm o direito a serem informados para que possam participar em todas as decisões relativas aos cuidados de saúde.

Deve evitar-se qualquer exame ou tratamento que não seja indispensável.

6. As crianças não devem ser admitidas em serviços de adultos. Devem ficar reunidas por grupos etários para beneficiarem de jogos, recreios e atividades educativas adaptadas à idade, com toda a segurança. As pessoas que as visitam devem ser aceites sem limites de idade.

7. O hospital deve oferecer às crianças um ambiente que corresponda às suas necessidades físicas, afetivas e educativas, quer no aspeto do equipamento, quer no do pessoal e da segurança.

8. A equipa de saúde deve ter a formação adequada para responder às necessidades psicológicas e emocionais das crianças e da família.

9. A equipa de saúde deve estar organizada de modo a assegurar a continuidade dos cuidados que são prestados a cada criança.

10. A intimidade de cada criança deve ser respeitada. A criança deve ser tratada com cuidado e compreensão em todas as circunstâncias.

O Sector da Humanização do Instituto de Apoio à Criança lançou, em 1996, a 1ª edição da Carta da Criança Hospitalizada em Portugal. Desde a 1ª edição, foram publicados um total de 14 500 exemplares da Carta.

Esta Carta foi preparada por várias associações europeias em 1988, em Leiden. Estas associações constituíram, em 1993, a *European Association for Children in Hospital (EACH)*.

Esta é a história do pequeno príncipe Zebedeu – um herói aqui lembrado –, que um dia adoeceu e foi hospitalizado.

Mas permitam-me contar como tudo se passou, pois, para ser herói, ser príncipe não é razão suficiente. herói pode ser toda a gente, desde que se saiba comportar e bem viver tudo o que lhe possa acontecer.”

Assim começa a história deste simpático príncipe, que é um verdadeiro herói. Quando a leres, vais ficar a conhecer a Carta da Criança Hospitalizada. Esperamos que te divirtas!

Os direitos do texto e das ilustrações deste livro foram oferecidos pelas autoras ao Instituto de Apoio à Criança.